

MEMÓRIAS E OUTRAS HISTÓRIAS: A ESCRITA FEMININA DE MEMÓRIAS EM ZÉLIA GATTAI

Arlinda Santana Santos¹

Resumo: Neste trabalho, a intenção é apresentar o andamento da pesquisa *Memórias e outras histórias: a escrita feminina de memórias em Zélia Gattai*, que analisa as obras memorialísticas de Zélia Gattai, de forma a vislumbrar essa escrita como lugar de expressão, construção e emancipação da subjetividade feminina. Para tanto, serão apresentadas as ideias desenvolvidas no primeiro capítulo “Figurações do estado de exceção em Zélia Gattai: memórias de uma testemunha anarquista-libertária” bem como a condução que se pretende dar ao desenvolvimento do segundo capítulo da dissertação, “Por uma fuga da gaveta: reflexões sobre a produção da escrita feminina de memórias”.

Palavras-chave: Mulher. Escrita. Memórias.

Este texto pretende compartilhar os andamentos e caminhos que vem trilhando a pesquisa *Memórias e outras histórias: a escrita feminina de memórias em Zélia Gattai*, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural/ DEDC II Alagoinhas, Linha 1 – Margens da Literatura, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Seidel.

Neste momento, encontro-me diante de dois importantes acontecimentos. Ao mesmo tempo em que conclui o primeiro capítulo, vejo-me às voltas com o processo do tirocínio. E confesso, já que minha pesquisa analisa o confessional, faz-se subjetiva, que o encantamento toma conta de mim.

Ao deparar-me com os alunos do primeiro semestre de Letras Vernáculas, suas angústias, frustrações, anseios e surpresas; vejo-me. Vejo uma menina, guardada em minhas memórias, encantada com o mundo acadêmico e em êxtase diante da possibilidade de estudar e entender o universo literário, já que naquele momento, me achava capaz de abarcar o mundo com uma única mão.

Anos depois, decepções, frustrações, discernimentos, novos sonhos convivem lado a lado com a leveza daquela garota que já não mais existe. Em mim habita uma mulher, em mim há vestígios realçados pelas memórias que guardo do ser menina. Em mim pulsam outras emoções, traço outras direções, outras inquietações. Alio teoria à poesia.

São esses anseios que me movem na escrita do segundo capítulo da dissertação. Como organizar ideias, como coordenar temáticas? E eis que estou novamente aqui, diante da construção de um texto que dê notícias do andamento do meu trabalho, que comprove que não me entreguei

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira da Rede Estadual, Especialista em Gestão Escolar com ênfase em Coordenação Pedagógica, Mestranda em Crítica Cultural - PÓSCRITICA / DEDC II Alagoinhas, sob a orientação do Prof. Dr. Roberto Seidel.

ao ócio, que ainda existem forças e fôlego para mais um ano de pesquisa. Há a necessidade de se ordenar o caos.

E assim, num imperativo de ordem, a dissertação será constituída por três capítulos. O primeiro, denominado “Figurações do estado de exceção em Zélia Gattai: memórias de uma testemunha anarquista-libertária”; o segundo, “Por uma fuga da gaveta: reflexões sobre a produção da escrita feminina de memórias” e o terceiro, “A escrita autobiográfica como escrita/invenção de si: a vontade de liberdade no rememorar de Gattai”.

No primeiro capítulo, “Figurações do Estado de Exceção em Zélia Gattai: memórias de uma testemunha anarquista-libertária”, a intenção é um estudo das expressões do estado de exceção nas obras memorialísticas de Zélia Gattai. Neste capítulo, busquei trabalhar a noção de memória como forma de testemunho, partindo dos conceitos apresentados por Agamben em *Estado de Exceção* (2004) e *O que resta de Auschwitz* (2008).

Trabalho com a memória como (re)invenção e memória como testemunho. Observando que ao mesmo tempo em que a escrita de Gattai traz em si uma forte carga subjetiva, noto que suas memórias falam de outras memórias. Falam da imigração italiana, do sonho de uma colônia anarquista, dos movimentos sindicalistas do início do século XX, da ditadura Vargas, do exílio, de uma Europa pós II Guerra Mundial. Sua escrita traz assim, uma necessidade de falar por aqueles que não o puderam fazer (AGAMBEN, 2008), surge como testemunho. E quem sabe, assim como Primo Levi, Zélia “tenha se tornado” escritora “unicamente para testemunhar” (Idem, p. 26).

Os testemunhos da fome, da morte de parentes, da ditadura, das torturas, do processo de desumanização levam Zélia Gattai a refletir sobre seu papel de ouvinte e a partilhar do sentimento de necessidade de falar da experiência da vida nua. “Eu lhe prometi repetir sua história, sempre que tivesse oportunidade. O que mais uma vez faço aqui.” (GATTAI, 1984 [1984], p. 102), escreve Gattai sobre o anseio de tornar pública a história de Monika, sobrevivente de um campo de concentração.

E como sobrevivente/testemunha fala pelo “não poder dizer” do muçulmano, aquele que sucumbiu ao poder opressor do estado de exceção, torna-se o lugar da potência de dizer daquele que aparentemente é a figuração da potência de não dizer. A língua da testemunha é a língua que resta “a possibilidade – ou à impossibilidade – de falar” (AGAMBEN, 2008, p. 160). O testemunho é o que resta de Auschwitz. Restam a testemunha e suas memórias.

O ato de testemunhar vem aliado ao ato de rememorar não somente pelo dever da memória, uma espécie de compromisso de fala, mas sim, pelo rememorar enquanto forma de catarse de um estado de horror vivenciado. No mais, “parece haver um passado que se recusa a ser passado”

(GUIMARÃES, 2010, p. 27), permanecendo vivo, e, portanto, não acabado, no presente daqueles que o testemunharam.

Ao mesmo tempo, o lembrar implica o esquecer; não um esquecimento inocente, mas o esquecimento do recalque, o esquecimento que lembra aquilo que não se quer lembrar. Talvez “preferiria não” lembrar, como nos sugere Bartleby, personagem do conto “Bartleby, o escrivão”, de Melville.

E o que se fazer com as memórias do que se quer esquecer? São as memórias das atrocidades vividas que constroem um lugar de fala para os homens e para as mulheres sem rosto que se depararam com a seguinte questão: o que fazer com aquilo que se lembra?

No embate entre lembrar/esquecer, o testemunho do sobrevivente é posto à prova a todo o momento. Sua fala se dá a partir de um não-lugar, suas lembranças dão conta de um testemunho incompleto. Fala-se em nome de terceiros, ou ainda, o testemunho dado pelos que sobreviveram às atrocidades do estado de exceção fala de “coisas vistas de perto, mas não experimentadas pessoalmente” (LEVI apud AGAMBEN, 2008, p. 43).

E assim, as memórias de Zélia Gattai permitem se configurar em testemunho dos horrores vivenciados em regimes de opressão que vão desde a ditadura Vargas até o fim da utopia socialista, passando pelas experiências narradas e vividas numa Europa pós Segunda Guerra. Por isso, permito-me dizer que a autora não somente escreve memórias, mas que também escreve seu testemunho, individual e coletivo, sobre o estado de exceção. Sua escrita fala de uma intolerância sobre o outro, sobre um lugar de potência de um estado soberano que oprime, mata e aniquila a humanidade do sujeito em nome da sua manutenção no poder.

Zélia fala das estratégias do homem comum, e mais precisamente da mulher comum, para sobreviver ao estado de exceção, ao exílio, ao sentimento de perseguição, à destruição de sua identidade, nacionalidade, de sua humanidade. Suas memórias, escritas do lugar do escritor/escrevente (BARTHES, 2007), marginal e marginalizado, nos mostram que não há heróis, não há vencedores, restam sobreviventes, memórias, testemunhas e testemunhos.

Já no segundo capítulo, “Por uma fuga da gaveta: reflexões sobre a produção da escrita feminina de memórias”, caminho por uma análise acerca da escrita feminina buscando uma problematização de seus modos de produção e concepções teóricas. Pretendo também, ver como tais questões se fazem perceber na escrita de Gattai. Convém esclarecer, que essas ideias já foram apresentadas na “II Jornada de Literatura, História e (Auto)biografia”, promovida pela UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz, realizada em 11 de dezembro de 2014, no PPGL de Estudos

Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), juntamente com o VI Colóquio do "Grupo de Estudos Literários Contemporâneos" (GELC).

A intenção é perceber na produção de Gattai marcas da subjetividade feminina. Todavia, não se busca uma subjetividade pronta e cristalizada, mas uma subjetividade construída no devir mulher. Isso porque, assim como “escrever é um caso de devir” (DELEUZE, 1997, p. 11) o ser mulher, a vivência dessa subjetividade marcada por um construto social não pode ser pensada senão a partir do devir.

Durante muito tempo, a mulher viu-se retratada através da fala de um outro que se achava empoderado do direito de falar sobre e por ela. Como uma espécie de procurador, não autorizado, mas imbuído de um poder construído por si, o homem escreveu ao longo de inúmeros séculos sobre o ser mulher. Criou compêndios, poesias e romances acerca de uma possível identidade feminina. Construiu, com sua fala e metodologia, de acordo com suas concepções e interesses, o que era o ser mulher.

E mesmo assim, permanecemos aos seus olhos e razão, um ser indecifrável. E o que querem as mulheres? O que somos? Questionam-se cegos pela razão falocêntrica. Se não respondíamos em alto e bom tom, falávamos em nossos silêncios, muitas vezes não ouvidos e olvidados. Sorríamos como há séculos sorri a Mona Lisa e seguimos em frente.

Permanecemos indecifráveis, até mesmo a nós mesmas, em nossas particularidades e subjetividades. Não nos conhecemos. Somos. Vivemos e padecemos o nosso devir subjetivo. E enquanto querem que sejamos e que nos enquadremos em conceitos, espartilhos e modelos, nós voamos. Escrevemos, sussurramos e sorrimos, como a Mona Lisa, diante do outro que nos olha como enigma.

Não seremos decifradas, não queremos ser. Mesmo o movimento feminista e sua construção de um arcabouço teórico que contemple a nós, não nos fecha e reduz a conceitos. Somos a pluralidade de possibilidades de ser. Somos mães, esposas, trabalhadoras, professoras, operárias, donas de casa... Somos o devir.

E aí está o perigo do ser mulher. De ser uma mulher e escrever sobre si, em transpor para o papel o que se pensa, vive e sonha... Falar de si e esconder um outro. Omitir sobre si e revelar o outro. Há sempre perigo na escrita feminina. E o perigo nos encanta.

Mas nem sempre o perigo traja as cores da transgressão nos moldes que estamos acostumados a pensar. Muitas vezes, o perigo esconde-se nas águas mais plácidas e serenas. Há perigo não somente na escrita que se afirma e esbraveja uma rebeldia. O perigo veste-se do sutil.

Sussurra-nos aos ouvidos sua não tão leve periculosidade. É este perigo, não tão leve, mas às vezes sutil, que se intenciona vislumbrar nas obras de Zélia Gattai.

Gattai nos fala, nos lembra, rememora. Escrevendo suas memórias, registrando-as em um livro, lugar de poder e empoderamento, ela comete uma imensa transgressão: deixa que sua escrita fuja da gaveta. E a intenção do presente estudo é trazer à cena, retirar das gavetas, a obra memorialística, mostrando seus perigos, suas potencialidades, o sujeito que surge, quase que ficcionalmente, nas leituras dessas páginas. Quer-se do que se convencionou chamar de escrita floreada, as flores e seus espinhos. Quer-se a vida vivida e narrada, em primeira pessoa, por um sujeito que corajosamente mostra-se através de sua escrita, já que, como nos diz Foucault, escrever “é pois ‘mostrar-se’, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro” (FOUCAULT, 2009, p. 150).

E assim como Zélia se mostra em sua escrita, também mostro-me enquanto sujeito pesquisador: acertos, erros, entraves metodológicos e teóricos, mas acima de tudo, uma vontade pulsante de fazer de minha escrita lugar de fala e empoderamento do sujeito feminino. Mostrar com uma multiplicidade de abordagens as nuances da escrita feminina, suas possibilidades de diálogos e intertextualidades. Aliar Agamben e Gattai, Castelo Branco e Foucault, memórias e testemunho, escritas de si e autoficção. Caminhos que trilho e anda trilharei.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. *Estado de Exceção*. São Paulo: Boitempo, 2004.

AGAMBEN, Giorgio. Bartleby o de la contigencia. Apud: G. Deleuze, G. Agamben, J. L. Pardo. *Preferiría no hacerlo*. Valencia: Pre-textos, 2005. p. 93-136.

AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha – Homo sacer III*. São Paulo: Boitempo, 2008.

AMADO, Jorge. O livro de Zélia. In: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009, p. 10.

ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007, (Estado de Sítio).

BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. Trad. Leyla Perrone Moisés. São Paulo: Perspectiva, 2007, Col. Debates.

BONNICI, Thomas. Teoria e crítica literária feminista. In: ZOLIN, Lúcia Osana, GOMES, Carlos Magno (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 162.

BRANCO, Lúcia Castello. *O que é escrita feminina*. São Paulo: Brasiliense, 1991. (Coleção Primeiros Passos).

CASTELO BRANCO, apud: BARROCA, Iara Christina Silva. Da escrita às questões de gênero em *As parceiras*, Lya Luft. In: ZOLIN, Lúcia Osana, GOMES, Carlos Magno (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 125.

- CLIFFORD, James. Introduction: Partial Truths. In: CLIFFORD, James and MARCUS, George E. *Writing Culture. The Poetics and Politics of Ethnography*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press, 1986. p. 1-26.
- COUTINHO, Eduardo F. Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento do cânone. In: *Revista Brasileira de Literatura Comparada*. Niterói: Abralic, n. 3, p. 67-74, 1996.
- DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. *Mil Platôs – capitalismo e esquizofrenia*. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. Bartleby, ou a fórmula. In: DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. p. 80-103.
- EAGLETON, Terry. *Marxismo e crítica literária*. Porto/Portugal: Edições Afrontamento, 1976.
- FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* 7 ed. Lisboa: Nova Vega, 2009.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 1996.
- GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009.
- GATTAI, Zélia. *Um chapéu para a viagem*. 10 ed. Rio de Janeiro: Record, 1993.
- GATTAI, Zélia. *Jardim de Inverno*. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 1989.
- GATTAI, Zélia. *Senhora dona do baile*. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.
- GATTAI, Zélia. *Discurso de posse*. Rio de Janeiro: ABL, 21 de maio de 2002. Discurso proferido na solenidade de posse no Quadro de Membros Efetivos da Academia Brasileira de Letras.
- GEERTZ, Clifford. Uma descrição densa. Por uma teoria interpretativa da cultura. In: *A Interpretação das Culturas*. RJ: LTC, 1989. p. 13-41.
- GINZBURG, Carlo. Sinais, raízes de um paradigma indiciário. In: *Mitos, emblemas e sinais*. São Paulo: Cia das Letras, 1990. p. 143-275.
- GOMES, Carlos Magno. Deslocamentos da escritora brasileira. In: ZOLIN, Lúcia Osana, GOMES, Carlos Magno (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 102.
- GUATARRI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: Cartografias do Desejo*. Petrópolis/RJ, 1996.
- GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. O presente do passado: as artes de Clio em tempos de memória. In: ABREU, Martha, SOIHET, Rachel, TEIXEIRA, Rebeca. *Cultura Política e Leituras do Passado: historiografia e ensino de história*. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.
- HALL, Stuart. Estudos Culturais e seu legado teórico. In: HALL, Stuart. *Da diáspora: Identidade e Mediações Culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003, p. 199-218.
- KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro: auto ficção e etnografia na narrativa latino-americana contemporânea*. Tese de Doutorado em Letras. Literatura Comparada. 2006. 204 f. Rio de Janeiro: UERJ, 2006. Disponível em: http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=124. Acesso em: 30/05/2014.
- LIMA, Ari. O método é heterodoxo, o sujeito é posicionado. A pesquisa é possível? In: DUCCINI, Luciana e RODRIGUES, Luzania Barreto (Org.). *Cor das Letras: Revista do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana*. Metodologia de Pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Feira de Santana: Editora da UEFS, n. 14, 2013.

- LOURO, Guacira Lopes Louro. *Gênero, Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 6 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- MOREIRA, Osmar. *Folhas venenosas do discurso*. Salvador: UNEB/ Quarteto, 2002.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *O trabalho do antropólogo*. Disponível em: <http://www.isabelcarvalho.blog.br/wp-content/uploads/2010/08/OLIVEIRA-Roberto-Cardoso-de-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo-olhar-ouvir-escrever-In-O-trabalho-do-antrop%C3%B3logo.pdf>. Acesso em 20/12/2013.
- ORTNER, Sherry B. *Subjetividade e crítica cultural*. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php>. Acesso em: 20/12/2013.
- REIS, Roberto. Cânon. In: JOBIM, José Luís (Org.). *Palavras da crítica: tendências e conceitos no estudo da literatura*. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 65-92.
- RICHARD, Nelly. *Intervenções críticas: arte, cultura, gênero e política*. Belo Horizonte: UFMG, 2002.
- SANTIAGO, Silviano. *Mil rosas roubadas*. São Paulo: Cia das Letras, 2014.
- SANTOS, Laymert Garcia dos. A exceção à regra. In: ARANTES, Paulo Eduardo. *Extinção*. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 7-21. (Estado de Sítio).
- SCOOT, Joan W. *Experiência*. Trad. Ana Cecília Adoli Lima. Disponível em: http://historiacultural.mpbnet.com.br/feminismo/Joan_Scoot-Experiencia.pdf. Acesso em 26/08/2014.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. Histórias que nunca terminam. In: GATTAI, Zélia. *Anarquistas, graças a Deus*. São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 319-323.
- SILVA, Antonio de Pádua Dias da. A diferença na autoria feminina contemporânea. In: ZOLIN, Lúcia Osana, GOMES, Carlos Magno (Org.). *Deslocamentos da escritora brasileira*. Maringá: Eduem, 2011. p. 242.
- SINHORI, João, GOMES, Cerize Aparecida Nascimento. *Literatura Testemunhal na Ditadura Militar: conexões entre história e literatura*. 2010, p. 4. Disponível em: http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/viewFile/913/959. Acesso em 20/12/2012
- TELLES, Lygia Fagundes. Mulher, mulheres. In: PRIORI, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 2004. p. 671.
- TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORI, Mary Del. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto/UNESP, 2004. p. 401-442.
- THOMPSON, John B. Capítulo III. O conceito de cultura In: *Ideologia e cultura moderna. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 163-215.
- WOOLF, Virgínia. *Um teto todo seu*. São Paulo: Círculo do Livro, s/d.
- ZIZEK, Slavoj. *Bem vindo ao deserto do real: cinco ensaios sobre o 11 de Setembro e datas relacionadas*. São Paulo: Boitempo, 2003.

